

A AUCTORITAS DA LINHAGEM DOS YNGLINGOS NA OBRA DE SNORRI STURLUSON (C. 1179-1241) COMO OBJETO EDUCACIONAL DA POLÍTICA MEDIEVAL

Luciano José Vianna¹

Resumo: A representação e recuperação da linhagem é um dos principais temas encontrados em termos de historiografia medieval. Ademais, tal representação e recuperação obedecia a uma proposta educacional política, uma vez que tais documentos eram registrados com o intuito não somente de recuperarem a memória linhagística, mas também de favorecerem o conhecimento e a reflexão sobre os feitos passados. A *Saga dos Ynglingos* (c. 1225), de Snorri Sturluson (c. 1179-1241), apresenta a linhagem dos Ynglingos abordando aspectos originários, mitológicos, literários e históricos sobre os antigos povos escandinavos. O objetivo deste artigo é analisar a relação entre a recuperação da memória da linhagem ynglinga e a proposta educacional política que pode ser encontrada no texto de Sturluson, abordando as principais características atribuídas à linhagem dos Ynglingos, assim como as principais funções da linhagem destacadas no documento. Como fundamentação teórica utilizamos os estudos de Aleida Assmann (2011), Gabrielle M. Spiegel (1990) e Jaume Aurell (2012; 2013).

Palavras-chave: Auctoritas, linhagem, ynglingos

Abstract: The representation and recover of the lineage are one of the mainly topics presents in the medieval historiography. Beside this, this representation and recover follow to a political educational propose, because this document was registered in order to not only recover the memory of the lineage, but also to propose the knowledge and reflection about the past facts. The *Saga dos Ynglingos* (c. 1225), by Snorri Sturluson (c. 1179-1241), present the lineage of the Ynglingos stressing originary, mythological, literary and historical aspects about the ancient Scandinavian. The main of this article is to analyse the relationship between the recovery of the memory of the ynglinga lineage and the political educational propose, which could be find out in the Sturluson's narrative, such as the mainly characteristics of the Ynglingal lineage, and as the mainly functions of the lineage presents in the document. As theoretical fundaments, we use the studies of Aleida Assmann (2011), Gabrielle M. Spiegel (1990) e Jaume Aurell (2012; 2013).

Keywords: Auctoritas, linhagem, ynglingos

¹ Doutor em *Cultures en contacte a la Mediterrània* pela *Universitat Autònoma* de Barcelona (UAB). Pós-Doutor em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professor Adjunto de História Medieval na Universidade de Pernambuco e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (UPE), *campus* Petrolina. Membro do *Institut d'Estudis Medievals* (UAB-IEM). Coordenador do *Spatio Serti* – Grupo de Estudos e Pesquisa em Medievalística. E-mail: luciano.jose.vianna@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Introdução

A produção documental genealógica tem como principal característica estabelecer uma relação com o passado a partir do presente. Em relação a este tipo de documento, o passado dinástico é apresentado como uma sequência linear que demonstra uma continuidade fundamentada na legitimação de uma linhagem. Esta preocupação foi uma das principais em termos de legitimação política mais utilizadas pelas realidades medievais em termos de escrita da história.

O estabelecimento de um início dinástico, no caso da *Saga dos Ynglingos* a partir do reinado de Yngvi, considerado um deus da fertilidade, paz e riqueza (AYOUB, 2015-A, p. 191-194), demonstra uma intrínseca relação com o passado e uma busca pelas origens desta considerada semi-legendária dinastia (HAYWOOD, 2000, p. 212). O estabelecimento de um passado mítico, longínquo no tempo, demonstra uma atitude de tentativa de legitimação de uma dinastia, do seu tempo de duração até o momento de elaboração da fonte. Dessa forma, a fusão entre presente e passado, reunidos na materialidade do documento, faz refletir sobre a importância do tempo pretérito e sua relação com a contemporaneidade em termos de educação política medieval com base na *auctoritas* do passado. Uma vez que tais documentos seriam conhecidos principalmente através da oralidade, aspecto comum em termos de historiografia medieval, era através da mesma que o processo educacional em relação ao conhecimento do passado se efetivava.

A escolha de Snorri Sturluson (c. 1179-1241) para compor a história dos Ynglingos a partir de uma perspectiva linear explica-se não somente pelo fato de que a principal de suas fontes, o poema *Ynglingatal* (c. 900), composto por Tjodolfo de Hvinir (morto em 930), é apresentado em uma perspectiva linear sucessória dos Ynglingos, mas também porque há uma probabilidade que a obra tenha sido composta a partir da relação amistosa entre Snorri Sturluson e o rei norueguês Haakon Hákonarson IV (1217-1263), considerando que a linhagem dos reis que se instalaram em Vestfold, a partir de Olavo o Desbravador (séc. VII), antes pertencia antes ao território de Uppsala, o que, de certo modo, poderia interessar aos governantes noruegueses da época de Sturluson. Ademais, tal aspecto faz refletir sobre uma possível recuperação do passado norueguês a partir do contexto de composição da fonte (c. 1225), já que, quase um século depois, em 1319, o Reino da Suécia e o Reino da Noruega seriam unificados sob o reinado de Magno II da Suécia (1319-1364), também conhecido como Magno VII de Noruega (1319-1343).

Muitos gêneros históricos produzidos no medievo foram utilizados constantemente para legitimações e finalidades políticas. De acordo com Gabrielle M.

Spiegel, o passado era o *locus* através do qual poder-se-ia transitar e encontrar soluções para o presente problemático (SPIEGEL, 1990, p. 59-86), seja através de modificações do mesmo, seja através “somente” da recuperação de suas informações, informações estas que serviriam para serem utilizadas no presente. Ademais, nesta interação entre o passado e o presente, a memória se orienta para o tempo passado e favorece, assim, a recuperação e reconstrução de informações significativas para o presente (ASSMANN, 2011, p. 53).

Neste sentido, Jaume Aurell, ao refletir sobre a relação entre História e Política na historiografia medieval apresenta de forma sucinta a importância desta relação:

A importância da historiografia vem determinada por sua condição de legitimação do presente através da aproximação intencional ao passado. (...). A transcendência da historiografia medieval vem em boa medida determinada pelo que a tradição possui neste período, no qual cada modificação do presente deveria ser confrontada com a tradição recebida do passado. A realidade do presente e os planos do futuro se fundamentavam na fundação do passado. Neste contexto, a intencionalidade e a função da historiografia são claras: *fundir em uma mesma realidade o passado e o presente, a tradição e a inovação, as velhas e as novas formas de governo*. A legitimação das formas políticas do momento será maior na medida em que se consiga demonstrar que há uma só direção na corrente histórica que conecta o passado com o presente, ou seja, que a situação atual se vincula diretamente com as origens míticas. (...). A historiografia deste período costuma estar condicionada por uma notável intencionalidade política, que leva a ‘usar’ o passado. Porém, trata-se de uma manipulação não exclusivamente interessada ou partidária, *mas sim moralizante*. Os interesses do cronista não estão vinculados a uma estreita narração do passado – o contar ‘o que realmente passou’ –, mas sim *à legitimação de uma ordem estabelecida em sua época, seja no âmbito moral, espiritual ou político* (AURELL, 2013, p. 95-142). [Os grifos são nossos]

104

O interesse na historiografia medieval, advindo principalmente das tendências historiográficas como o *New Medievalism*, a *New Philology* e o *New Historicism*, possibilitou uma abordagem interdisciplinar na análise dos objetos, uma ênfase no contexto de produção, uma atenção às práticas de escrita e de leitura e uma melhor compreensão dos gêneros históricos produzidos no medievo (AURELL, 2012, p. 1-18). Neste artigo, observaremos a ideia de *auctoritas* presente no texto de Sturluson e como a mesma é representada em termos de linhagem dos ynglingos, principal tema da narrativa de Snorri.

1. Snorri Sturluson e a *Saga dos Ynglingos*

Antes de entrarmos no contexto do autor e no conteúdo da obra, é necessário esclarecer o significado dos conceitos de *actor* e *auctor* para o Medievo. O primeiro, *actor*, fazia referência à produção de um livro, ao responsável pela produção do livro; o segundo, fazia referência à *auctoritas*, à autoridade recuperada em uma obra literária e que apresentava uma opinião autêntica sobre uma questão qualquer (CHENU, 1927, p. 81-86; TEEUWEN, 2003, p. 222-223; SPIEGEL, 1995, p. 6) e que poderia, portanto, constar em uma narrativa textual. Neste sentido, no caso do presente artigo, Sturluson é um *actor* que buscou, através da textualização de informações sobre uma dinastia, delinear a *auctoritas* da mesma em seu documento. Assim, este artigo recorre à noção de *auctoritas* que está delineada a partir do conceito de *auctor* voltado para o período medieval, a qual era recuperada e textualizada por um *actor*. Também é necessário destacar que mesmo que a noção latina de *auctoritas* não apareça na narrativa do documento, observamos que a ação de textualizar uma informação do passado é, de certa forma, entrar em contato com a memória, a qual, segundo Laurent Morelle:

Les usages de l'écrit documentaire ne sont pas tous déterminés par el souci de péreniser les seules actions juridiques que les actes consignent. Ils sont déterminés par uma fonction mémorielle plus large, comme en témoigne l'exemple des établissements monastiques (MORELLE, 2009, p. 124)

105

A figura de Snorri Sturluson é de relevância para a historiografia nórdica, haja vista seu destaque no *Dicionário de Mitologia Nórdica*, organizado pelo professor Johnni Langer e publicado pela editora Hedra em 2015. Snorri Sturluson viveu entre 1179 e 1241 e foi um famoso sacerdote (*godi*)² islandês. Sua educação realizada no importante centro intelectual da época, Oddi, favoreceu sua formação como compilador de obras de caráter mitológico e de diversas sagas, embora, como destaca Pablo Gomes de Miranda, tal afirmação mereça uma pesquisa à parte (MIRANDA, 2015-B, p. 476-478).

Após a morte de seu sogro, ocupou uma posição de chefia islandesa (*godord*), cargo com destaque na administração, alcançando um certo patamar na política islandesa, e anos mais tarde tornou-se recitador de leis (*lögusögumadr*) entre os períodos de 1215 e 1218 e 1222 e 1231, demonstrando, assim, uma influência considerável nos meios políticos em que circulava. Tornou-se membro da companhia (*hird*) do rei da

² O *godi* era o personagem que possuía o *godord*, ou seja, a liderança local na Islândia. Além de um papel político, o *godi* também era responsável pelos aspectos religiosos, como, por exemplo, pelo culto de deuses e pela construção do local para o culto (*hof*). Nos séculos XII e XIII, tais lideranças estavam associadas a distritos particulares que estavam controlados por famílias de destaque no cenário político islandês. Sobre o assunto, ver: OLIVEIRA (2015-B, p. 308-310).

Noruega, Haakon Hákonarson IV, ocupando uma posição de extrema relevância política na corte real.³ Viajou ao Reino da Noruega em duas oportunidades: a primeira, entre 1218 e 1220, e a segunda provavelmente em 1237. Nesta segunda viagem ao Reino da Noruega, Sturluson envolveu-se em problemas políticos internos ao reino tornando-se opositor ao rei Haakon Hákonarson IV, o qual anos mais tarde, após vencer a batalha de Oslo ordenou a morte de Snorri (IBÁÑEZ LLUCH, 2012, p. 12-19).

A *Saga dos Ynglingos* está contida na *Heimskringla*, uma das obras mais importantes para o estudo da Escandinávia medieval principalmente sobre os primeiros reis da Noruega. Sua atribuição autoral é de Snorri Sturluson, o qual utilizou fontes orais e escritas para a composição da mesma (LANGER, 2015-A, p. 241-242). O recorte temporal da *Saga dos Ynglingos* abrange aproximadamente o começo do século V e a segunda metade do século IX (AYOUB, 2015-B, p. 574-578). Com o foco territorial inicialmente em Uppsala, cidade localizada na região leste da Suécia, próxima a Estocolmo, posteriormente apresenta o estabelecimento da dinastia dos Ynglingos em Vestfold, cidade ao sul de Oslo no sul da Noruega. Composta aproximadamente em 1225, refere-se à linhagem que governava o “Reino dos Suecos”, como o próprio autor destaca em seu texto. De acordo com Santiago Ibáñez Lluch, com a composição da obra Sturluson pretendia preservar as informações do poema *Ynglingatal*, composto por Tjodolfo de Hvinir (morto em 930), aproximadamente no final do século IX, e que apresentava a genealogia de vinte e nove reis da dinastia dos Ynglingos. Seu conteúdo está concentrado em informações a respeito da dinastia ynglinga, como, por exemplo, feitos políticos, morte de membros, rituais funerários e local de sepultamento dos mesmos (La Saga de los Ynglingos, 2012, p. 12-19). Atualmente existem três manuscritos que contêm a Heimskringla: o manuscrito *Kringla*, datado de 1260; o manuscrito *Jöfraskinna*, composto aproximadamente em 1325, e o manuscrito *Frísbók* ou *Codex Frisianus*, composto em 1325.

Pela leitura da obra, observamos diversos aspectos relacionados à dinastia dos Ynglingos, como, por exemplo, a transição dinástica sempre na mesma família com o título passando sucessivamente entre os membros da mesma; a referência a algumas das esposas de alguns dos personagens da linhagem; as principais características dos membros da linhagem dos Ynglingos, tanto positivas quanto negativas; o momento do surgimento da realeza internamente à dinastia a partir do reinado de Dyggvi e a forma da morte de cada membro. Além destes aspectos centrais, a narrativa também apresenta detalhes referentes à linhagem, tais como o início mitológico da dinastia; o momento do estabelecimento da capital em Uppsala; o momento e o contexto da mudança para

³ Segundo Hiram Alem, o termo *hird* “denotava um estrato da sociedade composto pelos ‘nobres’, ‘súditos’ e membros da corte dos reis noruegueses” (ALEM, 2018, p. 381-384).

Vestfold como cidade principal da presença da dinastia; os momentos de dificuldade no Reino dos Suecos (fomes, más colheitas, etc...); momentos de expansão no reino (paz, boas colheitas, cultivos dos bosques, das terras novas e novos assentamentos); o início da realeza; as lutas contra os finlandeses, halegos e dinamarqueses e a descrição de funerais. Por todas estas informações podemos afirmar que a *Saga dos Ynglingos* apresenta uma riqueza em detalhes relacionados à cultura ynglinga, embora elaborados a partir da leitura de outras fontes, mas com um viés próprio de Snorri Sturluson.

Em termos de gênero histórico, a obra de Sturluson pode ser classificada como sagas, as quais apresentam diversas classificações: legendárias, reais, familiares, contemporâneas, de bispos e cavalaria. Trata-se de um tipo de narrativa literária cujo principal objeto é a história de uma família ou linhagem, principalmente com destaque para os feitos guerreiros. Com uma narrativa factual, objetiva, rápida e em prosa, inicialmente eram transmitidas oralmente e relacionavam-se com a criação de uma identidade (LANGER, 2015-C, p. 441-442). De acordo com Johnni Langer:

As sagas são um tipo de narrativa literária onde se descreve a história de uma família ou linhagem histórica (...). O termo saga vem do verbo islandês *segja* ("dizer, recontar") e é uma exclusividade desta região e do período medieval (...). Estas fontes literárias teriam sido criadas basicamente como formas de identidade e unificação cultural aos colonizadores instalados na ilha, mas também tratando tanto de virtudes quanto defeitos, assim como banalidades ou humores da vida cotidiana (LANGER, 2015-C, p. 442).

107

Embora sejam uma exclusividade da região islandesa, do período medieval e específicos em termos de escrita da história (MIRANDA, 2015-A, p. 445-448), observamos que as sagas se aproximam, *em termos de conteúdo*, das características do gênero denominado *genealogia*, mais comum no contexto continental europeu medieval, uma vez que estas são "enumerações das sucessivas gerações dos príncipes, condes ou monarcas, cuja estrutura está fundamentada na transmissão de um elemento real e de um título (AURELL, 2013, p. 95-142). É necessário frisar que não se trata de uma afirmação da igualdade entre sagas e genealogias, mas sim apenas de destacar a proximidade, em termos de conteúdo, sobre o desenvolvimento da linhagem em um determinado documento.

Legitimação política. Esta foi uma das principais funções políticas da escrita da história no Medievo. No agir historiográfico, a escolha do gênero histórico a ser utilizado – anais, crônicas, genealogias, etc... – afetava não somente a questão da *forma* do documento, mas também o *conteúdo*, ou seja, o aspecto da mensagem a ser transmitida. O estabelecimento de uma linha sucessória, com a presença de todos os membros de uma dinastia, estabelece uma concepção linear e ao mesmo tempo plural

e global do tempo, pois, mesmo com a presença de uma diversidade de situações de cada reinado, há a unificação temporal entre o passado e o presente, entre um contexto distante e uma contemporaneidade, os quais encontram sua fusão e importância no contexto contemporâneo do *actor* ou do patrocinador do documento. Neste mesmo sentido, observamos a legitimação política, em termos de poder real, como elemento central da narrativa das sagas (ao menos as sagas reais), pois, de acordo com Pablo Gomes de Miranda, o poder real é confirmado “pelo seu espaço na memória, um meio que acaba por promover e depender da mesma instituição da qual se ocupa; a realeza se promove pela memória e a patrocina, sendo dela sujeito.” (MIRANDA, 2015-A, p. 445-448).

Como já foi recordado por Marc Bloch, “a força da linhagem foi um dos elementos essenciais da sociedade feudal” (BLOCH, 2001, p. 158). No caso em questão, o *actor* do documento, Snorri Sturluson, recupera a *auctoritas* do texto, ou seja, a representação da dinastia dos Ynglingos, e a transporta textualmente para o seu presente. A utilização do passado, neste caso, corresponde a uma necessidade contemporânea e a recuperação da duração de uma dinastia no tempo supõe proporcionar a mesma um grau de legitimidade no sentido da recordação da memória dos antepassados, permitindo, deste modo, utilizar esta legitimidade no presente.

108

É necessário destacar o aspecto da oralidade que então se fazia presente em termos de divulgação das obras históricas na historiografia medieval. Em um cenário onde a maior parte populacional não dominava o exercício da leitura, incluindo neste grupo parte da realeza, a forma de divulgação destes conteúdos limitava-se ao aspecto da oralidade, a qual servia para divulgar as ideias políticas entre os indivíduos vinculados à política medieval. A própria ideia de educação política deste período também continha como característica principal a oralidade, a qual servia como caminho para formar as ideias políticas que então circulavam e que faziam parte cada vez mais das realezas medievais. Neste sentido, devemos destacar que obras como a Saga dos Ynglingos serviam para ser lidas para ativar a memória e a educação política em relação ao passado dinástico.

2. Sobre o prólogo da obra

Neste livro escrevi as antigas relações sobre os senhores que tiveram um reino nos países do norte e falaram em língua danesa, de acordo com o que escutei dos homens sábios, assim como alguns de suas linhagens, em virtude do que me foi revelado, por uma parte naquilo que se encontra na Relação dos antepassados, na qual estabeleceram os reis ou outros homens de ilustre

linhagem sua própria estirpe, e, por outro lado, naquilo que está escrito de acordo com as antigas poesias e cantos épicos que os homens possuíram para a sua distração; mas, ainda que não saibamos se há verdade nisso, fornecemos o testemunho do que os antigos sábios consideraram como verdadeiro (La Saga de los Ynglingos, 2012, p. 73-74).

Estas são as palavras iniciais da *Saga dos Ynglingos* contidas no prólogo da obra, as quais fornecem aspectos chave para compreender a composição e o conteúdo da mesma. De acordo com Jacqueline Hamesse, os prólogos das obras apresentam ideias que permitem conhecer a orientação do trabalho e o conteúdo da narrativa. Os objetivos dos prólogos são diversos e dependem das particularidades da produção, assim como das intenções do patrocinador (HAMESSE, 2000, p. XVI-XIX).

Analisando o fragmento destacado acima, é interessante notar as obras que foram utilizadas por Sturluson para compor a *Saga dos Ynglingos*, ou seja, tanto a *Relação dos antepassados* – uma genealogia danesa composta no século XII que contém os nomes de antigos reis – como o poema *Reconto dos Ynglingos*, de Tjodolfo de Hvinir (morte em 930). Ademais, Sturluson também utiliza o poema *Reconto de los halegos*, – um poema genealógico – assim como a *Saga dos descendentes de Skjöld* – uma saga anônima que apresenta os antigos reis da Dinamarca.

Neste prólogo chama a atenção o aspecto de “verdade” do documento, atribuído ao mesmo por Sturluson. Ao recuperarmos a frase do autor destacada no fragmento acima (“ainda que não saibamos se há verdade nisso, fornecemos o testemunho do que os antigos sábios consideraram como verdadeiro”), compreendemos que seu desejo era, através da utilização de outras obras, compilar e manter as informações sobre a dinastia dos Ynglingos, não com o objetivo produzir uma “verdade”, mas sim fornecer um testemunho que foi considerado como verdadeiro em um momento anterior.

Devemos observar que no contexto em que Sturluson compôs o documento o território no qual realizou tal atividade já havia passado por um processo de cristianização (OLIVEIRA, 2015-A, p. 111-114), fato que incidiu, posteriormente, nas produções culturais realizadas neste território, como, por exemplo, as produções historiográficas. Desta forma, o prólogo da obra de Sturluson apresenta não somente as fontes que utilizou e o método através do qual realizou sua escrita da história, mas também apresenta características que no contexto do começo do século XIII eram muito comuns no processo de escrita da história.

3. As características dos membros da linhagem dos Ynglingos

Ao analisar a *Saga dos Ynglingos*, com destaque para a composição de

sua linhagem, observamos cinco aspectos relacionados à *auctoritas* da linhagem dos ynglingos a partir das informações encontradas: 1) Os momentos cruciais da linhagem dos Ynglingos; 2) “Paz no reino” e “boas colheitas”; 3) “Grandes guerreiros” e “não guerreiros que governavam seus territórios em paz”; 4) O lugar da morte e as personagens femininas e 5) A sabedoria dos membros dos Ynglingos. Serão estes aspectos que trabalharemos nas próximas páginas.

3.1. Os momentos cruciais da linhagem dos Ynglingos

Snorri Sturluson destaca diversos momentos sobre a linhagem dos Ynglingos. Em seu processo de escrita da história, alguns momentos se destacam de forma mais perceptível. Ao fazermos uma leitura do documento observamos quatro momentos importantes no desenvolvimento da linhagem dos Ynglingos.

Por exemplo, quando Sturluson comenta sobre o início da dinastia dos Ynglingos com Freyr:

Freyr construiu em Uppsala um grande templo e estabeleceu ali sua capital (...). Gerd Gymisdóttir se chamava sua mulher; seu filho se chamava Fjölfnir. Freyr se chamava Yngvi por outro nome. O nome de Yngvi foi considerado depois como um título honorífico entre a sua linhagem, e mais tarde seus descendentes foram chamados ynglingos (La Saga de los Ynglingos, 2012, p. 97-98).

110

O início da dinastia é destacado a partir do governo de Freyr, o qual teria seus descendentes conhecidos como Ynglingos. A partir deste momento a narrativa indica não apenas uma identidade nominal (Ynglingos), mas também atrela esta identidade a um aspecto territorial, ou seja, o estabelecimento da principal cidade da linhagem como Uppsala.

O segundo momento é quando os membros dos Ynglingos começaram a ser chamados de reis, a partir do reinado de Dyggvi:

Dyggvi foi o primeiro de seus parentes chamado rei, pois antes eram chamados senhores, e suas mulheres, senhoras, e seu séquito, hoste de acompanhantes. Yngvi o Ynguni foi chamado sempre cada um de todos aqueles descendentes, e ynglingos em seu conjunto (La Saga de los Ynglingos, 2012, p. 108).

O terceiro momento refere-se à mudança territorial, com o deslocamento do poder real de Uppsala e sua instalação gradativa em Vestfold, durante o reinado de

Ingjold:

Ívar o Conquistador se apoderou de todo o reino dos suecos; possuía também todo o reino dos danos, grande parte da Saxônia, todo o reino do Oeste e a quinta parte da Inglaterra. De sua linhagem descendem os reis dos danos e os reis dos suecos que ali mantiveram a monarquia. A partir de Ívar o Conquistador se distanciou o poder real de Uppsala da dinastia dos Ynglingos, que poderia ser seguida por uma linha paterna (La Saga de los Ynglingos, 2012, p. 152).

É necessário destacar que este fragmento não está voltado para uma análise da figura de Ívar o Conquistador, mas sim para destacar a mudança de centro citadino dos ynglingos, em sua mudança de Uppsala para Vestfold, buscando, assim, uma tentativa de estabelecer a dinastia a um território definitivo, o que serve para delinear sua *auctoritas*.

Por fim, o quarto momento ocorre durante o reinado de Ingjald, morto por volta de 650, onde temos a apresentação de diversos acontecimentos, tais como 1) a existência de reis comarcais – o que demonstra uma certa organização política em termos de território; 2) a localização do parlamento do reino sueco em Uppsala; 3) os reis de Uppsala sendo considerados como os mais distinguidos; 4) Ívar o Sem Osso se apoderando de todo o reino dos suecos, daneses, grande parte da Saxônia, todo o reino do Leste e uma quinta parte da Inglaterra.

Estes quatro aspectos relacionados à linhagem dos ynglingos apresentam o desenvolvimento da dinastia em relação ao seu início, o surgimento das figuras reais, o estabelecimento territorial e a organização política, sendo, portanto, características apresentadas por Snorri em relação à *auctoritas* dinástica demonstrando o desenvolvimento da mesma.

3.2. “Paz no reino” e “boas colheitas”

De acordo com Sturluson, os membros dos Ynglingos apresentavam características diversas, tanto no que diz respeito às características pessoais quanto às características dos seus reinados. Na narrativa do documento, percebe-se entre os primeiros membros da linhagem algumas realizações, como, por exemplo, terem proporcionado a “paz no reino” e “boas colheitas”, características que estavam presentes, de acordo com a análise de Sturluson, principalmente durante os reinados de Njörd, Yngvi e Fjölfnir. O mesmo é visto durante o reinado de Dómar e Önund, além do fato de que estas duas características, ou seja, “paz” e “boas colheitas”, sejam sempre apresentadas de forma

conjunta. Também se observa que no momento do estabelecimento de Uppsala como a capital do reino dos suecos, durante o reinado de Yngvi, havia um contexto de “paz no reino” e “boas colheitas”, ao contrário do que observamos durante o reinado de Olavo o Desbravador, quando este rei fugiu de Uppsala em um contexto de grande escassez de alimentos e más colheitas.

3.3. “Grandes guerreiros” e “não guerreiros que governavam seus territórios em paz”

Em alguns contextos também observamos a identificação de alguns membros da linhagem como grandes guerreiros. Membros como Vanlandi, Agni, Alrek e Eirík, Yngvi e Jörund e Eirík são identificados na narrativa a partir de um viés bélico. Observando a sequência da ordem de sucessão, nota-se que se trata de um contexto temporal específico nas sucessões da linhagem. Por outro lado, Sturluson também apresenta alguns membros como “não guerreiros” que “governavam seus territórios em paz”, tais como Álf, o que “nunca estava na guerra”, Huggleik, Egil e Aun ou Áni, sendo que este último apenas é destacado como um “não guerreiro”.

112

3.4. O lugar da morte

É interessante observar o lugar da morte na estrutura narrativa da *Saga dos Ynglingos*. Observamos que os membros da linhagem morrem de diversas formas, todas elas registradas por Sturluson: doença, afogamento, preso no interior de uma caverna, incêndio, revolta popular, enforcado e lutando em batalha. De todos os membros da dinastia dos Ynglingos retratada por Sturluson, somente Ingjald, filho de Olavo o Desbravador, e Rögnvald, o último membro da dinastia citado na narrativa, têm suas mortes não apresentadas por Sturluson. O que se destaca entre estas mortes é a quantidade das mesmas referente aos ocorridos em batalhas, como ocorreu com Huggleik, Jörund e Eirík, Óttar, Eystein, Yngvar, Ingjald e Eystein.

3.5. A sabedoria dos membros dos Ynglingos

Por fim, outra característica que podemos encontrar na narrativa é o aspecto de sabedoria vinculado a alguns dos membros da dinastia. Por exemplo, reis como Dag,

Alrek e Eirík e Aun o Áni foram considerados como líderes sábios ou que apresentavam conhecimento de diversas áreas (físicas e intelectuais), até mesmo como parte da formação do governante. Neste sentido, um aspecto que se destaca na obra de Sturluson é a presença de uma corte com músicos, arpistas e violonistas precisamente no reinado de Huggleik, o que demonstra que no início da dinastia dos Ynglingos, a partir da perspectiva analisada e compilada por Snorri Sturluson, havia uma preocupação não apenas com a formação de uma corte real, mas também com a composição da mesma voltada para um âmbito cultural. Vale a pena lembrar que no caso do reinado de Huggleik trata-se de um rei que não era considerado como um guerreiro – mesmo que tenha morrido em batalha contra o Haki, um guerreiro viking – e que governava seus territórios em paz.

4. As principais funções da linhagem ynglinga e o delineamento da *auctoritas*

No caso da *Saga dos Ynglingos*, identificamos três funções da dinastia presentes neste documento, as quais elencamos e explicamos a seguir. É necessário frisar que tais funções da dinastia caracterizam (ou no mínimo delineiam), em nosso entendimento, a formação da *auctoritas* ynglinga, a qual Sturluson, como *actor*, recuperou e textualizou em seu presente, formando o que hoje conhecemos como a *Saga dos ynglingos*.

Primeira função. Há claramente um detalhe que vincula o começo da linhagem dos Ynglingos com o estabelecimento territorial em Uppsala, ou seja, uma identificação da linhagem com um território. Observamos que Frey era filho de Njörd, e ambos foram estabelecidos como “mestres de sacrifícios” por Odin (LANGER, 2015-B, p. 428-432). Entretanto, embora Frey seja filho de Njörd, a saga indica que a linhagem começou a partir de Frey, estabelecendo, portanto, uma identificação do início da linhagem com o seu local de estabelecimento:

Frey tomou o mando depois de Njörd; era chamado senhor dos suecos e recebia tributos deles. Era rico em amigos e favorecido pelas boas colheitas, como seu pai. Frey levantou em Uspala um grande templo e estabeleceu ali sua capital, também acrescentou ali todos seus impostos sobre terras e bens móveis. Então a riqueza de Uppsala e depois se manteve sempre (La Saga de los Ynglingos, 2012, p. 96-97).

Neste caso, a função da linhagem é o estabelecimento de um local como origem da mesma. Uppsala passa a ser, neste sentido, o *locus* principal através do qual se desenvolve todos os aspectos relacionados à linhagem dos Ynglingos. A partir do governo de Frey, Uppsala tornou-se um centro religioso, político e financeiro. Embora

observamos as diversas características de cada membro da dinastia, a partir de Frey é em um momento em que Uppsala passa a ser a referência constante da linhagem dos Ynglingos. Desse modo, uma das funções da linhagem dos Ynglingos foi estabelecer a importância da cidade de Uppsala como principal local da mesma.

Segunda função. Também podemos estabelecer como função da linhagem dos Ynglingos a fundação de uma nova cidade, Vestfold, que séculos mais tarde seria um dos principais centros políticos da região norueguesa, principalmente a partir do final do século IX, justamente no contexto da composição do poema *Ynglingatal* (AYOUB, 2015-B, p. 574-578) e também do processo de unificação territorial empreendido pelo rei Haroldo (c. 880-930), primeiro rei da Noruega e neto de Gudröd, antepenúltimo rei da dinastia dos Ynglingos apresentado na narrativa. De certa forma, o motivo da composição da fonte que Snorri Sturluson tomou como base para a composição da *Saga dos Ynglingos*, ou seja, o poema *Ynglingatal*, portanto, pode ser explicada a partir de uma perspectiva unificação territorial norueguesa no século IX, em um contexto em que Haroldo I era um antepassado da dinastia Ynglinga. Por outro lado, a partir do contexto de composição da *Saga dos Ynglingos*, na metade dos anos 20 do século XIII, podemos refletir sobre uma possível recuperação do passado norueguês, já que quase um século depois, em 1319, o Reino da Suécia e o Reino da Noruega estariam unificados sob o reinado de Magno IV da Suécia, entre 1319 e 1364 (ou Magno VII de Noruega, entre 1319 e 1343). Vale a pena lembrar que o primeiro manuscrito completo da *Heimskringla*, o *Frísbók* ou *Codex Frisianus*, é datado justamente do reinado de Magno (IV da Suécia, VII da Noruega), ou seja, de 1325.

114

Terceira função. Para nos aproximarmos às intenções de Snorri Sturluson para construirmos uma hipótese sobre a composição da *Saga dos Ynglingos* devemos contextualizá-la a partir do contexto de composição da mesma. Seu autor, Sturluson, vivia na Islândia em um contexto de crise política (MIRANDA, 2015-B, p. 476-478). Neste sentido, a composição da obra aproximadamente no ano 1225 nos indica uma possível tentativa de recuperação do passado dos Ynglingos a partir do seu estabelecimento na cidade de Uppsala no reino sueco. Devemos recordar que Snorri foi educado em jurisprudência, genealogia, poesia e história do âmbito norueguês. Os anos que passou na cidade de Oddi, centro cultural de importância da Islândia, foram cruciais para sua formação e contato com as informações de outros territórios. Além disso, é certo que sua própria família já mantinha uma certa tradição de personagens vinculados ao âmbito historiográfico islandês (IBÁÑEZ LLUCH, 2012, p. 11-12). O que devemos recordar é que entre os períodos de 1218 e 1220 e no ano de 1237 Snorri Sturluson esteve na corte do rei norueguês Hákon, formando parte da corte e alcançando o grau mais elevado deste âmbito, ou seja, *lendr madr*. A presença de Sturluson neste território

se deve, dentre diversos motivos, ao intento de conhecer melhor o país pelo qual se interessava pela história e também para estar com o círculo político mais influente do meio. Note-se que esta visita realizada por Snorri ocorreu poucos anos antes da redação da *Saga dos Ynglingos*, aproximadamente em 1225, já que anos depois, em 1237, as hostilidades entre o rei Hákon e Sturluson começariam, já que este não conseguiu realizar a promessa de anexar Islândia à Noruega (IBÁÑEZ LLUCH, 2012, p. 14-15). Neste sentido, podemos inferir que, a partir do contexto de composição da *Saga dos Ynglingos*, em um momento em que Snorri tinha boas relações com o rei Hákon da Noruega, há uma probabilidade que a obra tenha sido composta a partir desta relação amistosa, considerando que a linhagem dos reis que se instalaram em Vestfold, a partir de Olavo o Desbravador, antes pertencia antes ao território de Uppsala, o que, de certo modo, poderia interessar aos governantes noruegueses da época de Sturluson.

Considerações finais

A seguir destacamos alguns pontos, os quais não são definitivos em relação ao estudo desta obra, e que apresentam algumas considerações a respeito do trabalho que temos realizado até o presente momento.

1. Snorri Sturluson tenta manter a memória da dinastia dos Ynglingos através não somente da recuperação da obra *Ynglingatal* de Thjóðólf de Hvin em verso, mas também compondo uma nova obra em prosa, a *Saga dos Ynglingos*. Dessa forma, estamos diante de um fenômeno que apresenta em sua formação uma pluralidade do conceito de autoria, pois vemos Sturluson tanto como autor e também como compilador, o que era algo comum no contexto da historiografia medieval. Em todo caso, o resultado final trata-se de uma obra original.

2. Observamos também que a obra analisada apresenta algumas características historiográficas presentes no medievo, dentre elas a relação entre História e Política e o aspecto de legitimação política. Ao observar a *Saga dos Ynglingos* a partir desta perspectiva, observamos a complexidade da mesma, e com isso torna-se central aproximar-se ao seu motivo de composição.

3. Neste sentido, um dos possíveis motivos da composição de *Ynglingatal* em pleno século IX por Thjóðólf de Hvin é que se referia provavelmente à uma perspectiva unificação territorial norueguesa no século IX, em um contexto em que Haroldo I era um antepassado da dinastia Ynglinga. Por outro lado, a partir do contexto de composição da *Saga dos Ynglingos*, na metade dos anos 20 do século XIII, podemos fazer refletir sobre uma possível recuperação do passado norueguês, já que quase um século depois, em

1319, o Reino da Suécia e o Reino da Noruega estariam unificados sob o reinado de Magno IV da Suécia (ou Magno VII de Noruega).

4. Nota-se a riqueza de detalhes presente na *Saga dos Ynglingos* relacionando às questões da “paz no reino” e às “boas colheitas”, a apresentação de alguns dos membros da dinastia como “grandes guerreiros” e “não guerreiros que governavam seus territórios em paz”, a presença constante da morte entre os integrantes da dinastia e das mais diversas formas e a sabedoria de alguns dos reis da linhagem são algumas das características que fazem parte da narrativa da obra atribuída à linhagem dos Ynglingos.

5. Precisamente identificamos três funções da dinastia dos Ynglingos na narrativa da saga composta por Sturluson. Em primeiro lugar a vinculação entre o começo da linhagem dos Ynglingos e o estabelecimento territorial em Uppsala, coincidindo a origem da dinastia com um território. Em segundo lugar a fundação de uma nova cidade, Vestfold, a qual mais tarde seria um dos principais centros políticos da região norueguesa a partir do final do século IX. Por fim, os possíveis motivos da composição da *Saga dos Ynglingos* a partir do contexto de composição, ou seja, uma possível tentativa de recuperação do passado dos Ynglingos a partir do seu estabelecimento na cidade de Uppsala no reino sueco. Devemos recordar que foi entre os períodos de 1218 e 1220 e no ano de 1237 que Snorri Sturluson esteve na corte do rei norueguês Hákon, formando parte da corte e alcançando o grau político mais elevado deste âmbito. Assim, possivelmente a obra fora composta a partir desta relação amistosa, destacando, portanto, os aspectos da *auctoritas* da linhagem ynglinga, considerando que a linhagem dos reis que se instalaram em Vestfold, a partir de Olavo o Desbravador, antes pertencia ao território de Uppsala.

6. Também observamos a construção da *auctoritas* da linhagem dos Ynglingos na obra de Sturluson como objeto educacional da política medieval, no sentido de ser recordada a partir do passado textualizado por Sturluson. Tal aspecto da *auctoritas* da linhagem dos Ynglingos somente pode ser compreendido a partir do momento em que consideramos a perspectiva oral na qual este documento fora divulgado a partir do momento de sua composição.

Referências

Fontes

La Saga de los Ynglingos. Snorri Sturluson. Edición de Santiago Ibáñez Lluch. Madrid: Miraguano Ediciones, 2012.

Bibliografia

- ALEM, Hiram. Hird. In: **Dicionário de História e Cultura da Era Viking**. São Paulo: Hedra, 2018, p. 381-384.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- AURELL, Jaume. Introduction. In: AURELL, Jaume. **Authoring the Past**. History, Autobiography, and Politics in Medieval Catalonia. Chicago/London: The University of Chicago Press, 2012, p. 1-18.
- _____. La historiografía medieval. In: **Comprender el pasado**. Una historia de la escritura y el pensamiento histórico (Aurell, Jaume; Balmaceda, Catalina; Burke, Peter; Soza, Felipe). Madrid: Ediciones Akal, 2013, p. 95-142.
- AYOUB, Munir Lutfe. Freyr. In: **Dicionário de Mitologia Nórdica**. Símbolos, mitos e ritos. São Paulo: Hedra, 2015-A, p. 191-194.
- _____. Ynglinga Saga. In: **Dicionário de Mitologia Nórdica**. Símbolos, mitos e ritos. São Paulo: Hedra, 2015-B, p. 574-578.
- BLOCH, Marc. **A sociedade feudal**. Lisboa: Edições 70, 2001.
- CHENU, Marie-Dominique. Auctor, actor, autor. **Archivum Latinitatis Medii Aevi**, 3, p. 81-86, 1927.
- HAMESSE, Jacqueline. Introduction. In: **Les prologues médiévaux**. Actes du Colloque international organisé par l'Academia Belgica et l'École française de Rome avec le concours de la F.I.D.E.M. (Rome, 26-28 mars 1998). Édités par Jacqueline Hamesse. Fédération Internationale des Instituts d'Études Médiévales. Textes -et études du Moyen Âge, 15. Turnhout: Brepols, 2000, pp. IX-XXIII.
- HAYWOOD, John. **Encyclopaedia of The Viking Age**. London: Thames & Hudson, 2000.
- IBÁÑEZ LLUCH, Santiago. Introducción. In: **La Saga de los Ynglingos**. Snorri Sturluson. Edición de Santiago Ibáñez Lluch. Madrid: Miraguano Ediciones, 2012, p. 12-19.
- LANGER, Johnni. Heimskringla. In: **Dicionário de Mitologia Nórdica**. Símbolos, mitos e ritos. São Paulo: Hedra, 2015-A, p. 241-242.
- _____, Johnni. Sacrificio escandinavo. In: **Dicionário de Mitologia Nórdica**. Símbolos, mitos e ritos. São Paulo: Hedra, 2015-B, p. 428-432.
- _____, Johnni. Sagas islandesas. In: **Dicionário de Mitologia Nórdica**. Símbolos, mitos e ritos. São Paulo: Hedra, 2015-C, p. 441-442.

- MIRANDA, Pablo Gomes de. Sagas reais (Konungasögur). In: **Dicionário de Mitologia Nórdica**. Símbolos, mitos e ritos. São Paulo: Hedra, 2015-A, p. 445-448.
- _____, Pablo Gomes de. Snorri Sturluson. In: **Dicionário de Mitologia Nórdica**. Símbolos, mitos e ritos. São Paulo: Hedra, 2015-B, p. 476-478.
- MORELLE, Laurent. Usages et gestion de l'écrit documentaire (Occident, vi-xii siècle): quelques considérations sur l'acte écrit. In: **L'autorité de l'écrit au Moyen Âge**. Paris: Publications de la Sorbonne, 2009, p. 117-126.
- OLIVEIRA, André Araújo de. Cristianização da Escandinávia. In: **Dicionário de Mitologia Nórdica**. Símbolos, mitos e ritos. São Paulo: Hedra, 2015-A, p. 111-114.
- _____, André Araújo de. Godi. In: **Dicionário de Mitologia Nórdica**. Símbolos, mitos e ritos. São Paulo: Hedra, 2015-B, p. 308-310.
- SPIEGEL, Gabrielle M. History, Historicism and the Social Logic of the Text. **Speculum** 65/1, p. 59-86, 1990.
- _____, Gabrielle M. **Romancing the Past: the Rise of Vernacular Prose Historiography in Thirteenth-Century France**. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1995.
- 118 TEEUWEN, Mariken. **The Vocabulary of Intellectual Life in the Middle Ages**. Turnhout: Brepols, 2003.